

Eleições e Estatísticas

J. Roberto Whitaker Penteadado

Existe um gráfico, em estatística, que é de grande importância para o entendimento numérico de movimentos sociais como as eleições majoritárias. Trata-se da "Curva de Gauss", também chamada de "normal". Visualmente, essa curva parece um sino: começa baixinho, à esquerda, sobe rapidamente, faz um movimento curvo, como um "C" virado para baixo, e desce da mesma forma como subiu. É simétrica - igual à esquerda e à direita - por isso parece com um sino. E é chamada de normal, porque parece descrever o que tendemos a considerar como a normalidade da vida: numa classe de alunos, uns poucos são muito baixinhos, outros muito altos e a maioria é de estatura mediana; na mesma classe, há uns dois ou três alunos brilhantes, outro pequeno grupo de tapados e a maioria têm inteligência e aproveitamento médios.

Isso ocorre nos países, de um modo geral - mas, em especial, nas nações populosas, como o Brasil, os Estados Unidos ou a China. Há grupos de pessoas com idéias consideradas "extremistas", à esquerda e à direita - mas o grosso da população tende ao pensamento de "centro", que costuma ser um certo conservadorismo acomodado, nas sociedades prósperas ou uma insatisfação esperançosa, nos países onde a farinha não chega para alimentar a todos. Pode, também, explicar a eleição do atual presidente, quando - atendendo à orientação de Duda Mendonça - Lula passou a usar terno e gravata e a prometer, se eleito, não provocar o F.M.I. No poder, continua a gozar de grande popularidade pessoal, mas é criticado pelos xiitas do PT e conservadores de quase todos os outros partidos. Mas foi eleito pelo "meio", pela maioria conservadora/insatisfeita/sebastianista da população brasileira, que se concentra no centro da curva normal do Gráfico de Gauss.

O fenômeno explica, também, porque as estratégias eleitorais dos principais candidatos às prefeituras das grandes cidades são tão parecidas. Todos concentram-se nos mesmos temas (que as pesquisas mostram concentrar a preocupação das pessoas) - emprego, transporte, saúde, segurança -, mas nenhum deles propõe programas revolucionários.

Outro aspecto importante da estrutura eleitoral brasileira - que explica porquê os experts eleitorais "mandam" os clientes concentrar-se em poucos temas, propondo soluções simples e lineares (refeições e passagens a 1 real, saúde e emprego para todos, punição para os bandidos) - é a sua universalização. Somos 122 milhões de eleitores, numa população total de 170 milhões - o que significa que praticamente todos os cidadãos de mais de 16 anos possuem títulos de eleitor.

O discernimento das pessoas - a sua capacidade de apreensão das mensagens - depende do grau de instrução. Esse vasto contingente populacional apresenta o mesmo perfil da população em geral: quase três quartos dos brasileiros têm pouca instrução, uma pequena parte são, simplesmente, analfabetos, mas a grande maioria não cursou além do curso primário; do quarto restante, 20% terminaram o secundário e apenas 5% são "doutores", conseguiram chegar, ao menos, a bacharéis.

Fica claro, portanto, que - ainda que esses brasileiros com mais instrução sejam capazes de eleger o seu vereador, um deputado ou outro e - de vez em quando, até um senador, são os outros 75% que prevalecem, nas escolhas dos presidentes, governadores e prefeitos.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Eleições e Estatísticas. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadado**, Rio de Janeiro, set. 2004. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=300&ID=228>>. Acesso em: 15 set. 2009.